

## Conclusão

Essa dissertação se propôs a olhar mais de perto a experiência analítica através da proposta inicial de uma divisão da prática entre interpretação e construção enquanto que respeitou uma separação epistemológica entre sujeito e objeto *a*. Verificou que o conceito de sujeito está intimamente ligado à interpretação, sendo o que ela visa instaurar, enquanto que a construção encontra no objeto *a* aquilo que ela inclui enquanto excluído. Visou com isso marcar a especificidade da psicanálise frente às outras propostas terapêuticas que – seja dito – têm maior destaque nas mídias, no social. Dissemos que estas propostas se apresentam como religião ou como ciência.

A religião situa a causa do mal psíquico em outro plano e afirma-a como um intraduzível nessa vida, como forma de pagamento por um pecado original ou como uma etapa de um processo de evolução de grandíssimas proporções. De qualquer forma, se o acerto de contas é adiado para o juízo final, nada se pode fazer contra ele no presente. Se afirma o sujeito, deixa-o entretanto como está.

A ciência propõe outro caminho. Um médico diz: “Tira a roupa! Mostra o corpo!”. Deitado sobre a mesa e anestesiado, o sujeito é reduzido a uma anatomia e a trocas químicas. O campo de que se trata é redutível a elementos materiais. Quando é possível isolar o agente causador, a cura procede por sua eliminação: o modelo utilizado é redutível a uma esfera, onde o “eu”, a saúde, é seu interior, as ameaças vindo desde fora. É um modelo – digamos – paranoico.

Herbert Viana está certo quando diz que o céu de Ícaro é diferente do de Galileu, faltando completar que o último não é mais real do que o primeiro, assim como a paralisia da histérica não é menos real do que aquela para a qual haja uma lesão orgânica. Se a psicanálise compactua com essa visão é porque toma a ciência como mais um discurso sobre o real e não como “o” próprio real – leia-se no último caso: realidade. Se o analista é aquele que troca a visão pela escuta e diz: “Fala!”, é porque reconhece o campo da linguagem como o único campo que se deve levar em consideração para equacionar as questões do homem e que, portanto – e isso é o mais revolucionário –, o real que aflige o homem está nele também incluído.

É revolucionário pois que toma o modelo da esfera não como a realidade das coisas, onde a linguagem é só uma ferramenta utilizada por seres para comunicarem afetos e pensamentos a outros seres ou para referenciar um mundo – onde a essência desses termos é toda dada como anterior ou fora da linguagem, essência biológica ou espiritual. Não, a psicanálise toma-a como efeito, como um caso especial do funcionamento da linguagem.

Se soa estranho que a psicanálise se alinha sob determinado ponto de vista à ciência, é porque para o senso comum esta é ainda a aristotélica, ignorando-se completamente que a revolução que marcou a sua aparição na forma moderna revelou um aspecto da linguagem que vinha sendo recalcado desde a antiguidade: a escrita matemática mostrou que há uma química de sílabas, uma combinatória de elementos significantes que não obedecem a uma ordem cósmica estabelecida desde fora, i.e., os elementos têm seus valores determinados exclusivamente pela posição que ocupam em relação aos outros elementos do conjunto, e, inclusive, jogam contra o estabelecimento do sentido. Se a ciência acabou pondo ordem nessa química infernal para restabelecer um discurso universal sobre as coisas, Freud por seu lado pode apontar que no psiquismo do homem, que é feito desse mesmo tecido, esse funcionamento permaneceu vivo, batizando-o pelo nome de inconsciente.

Se Descartes não se detivesse em sua dúvida hiperbólica talvez não tivesse “jogado a criança fora junto com a água da bacia”, ou melhor, o sujeito, e tivesse reconhecido que o pensamento é ele mesmo a não garantia de se encontrar um “ser” como essência. Como sobrou para a psicanálise, ele mesmo poderia ter acolhido o sujeito como esse ponto vazio – esse zero – que surge no plano das significações a cada passo que o saber estabelecido é questionado, passo que pela estrutura da coisa é infinitizado.

Se no tratamento analítico essa infinitização não é tão clara ao paciente, é isso mesmo que faz com que ele se ponha a trabalho, supondo um saber no analista que fará, ao nível da interpretação, não mais do que equivocar os sentidos para liberar a fala do paciente que, produzindo novas associações, permitirá obter, em um processo que mostra-se ser de redução, uma cartografia dos fragmentos de lembrança cruciais, “mais próximos” de sua verdade supostamente recalcada.

Sim, porque a interpretação apoia-se na ilusão de que só há o recalque secundário, que o inconsciente é um escondido aguardando ser descoberto.

Mas se uma análise assim levada a cabo não chega a revelar a causa última como uma lembrança é porque, apoiando-nos na teoria dos conjuntos para transmitir essa ideia, podemos dizer que a linguagem, tomada como um conjunto universo, não é redutível a elementos significantes, havendo, em todo conjunto, “múltiplos” – termo propositadamente deixado sem conceito – incluídos como partes. O reforço da ideia de que o real do homem situa-se na linguagem é exemplificado através da emergência do excesso de contagem que surge no paradoxo de Russell e na emergência de números irracionais em cálculos que utilizam números racionais: excesso pulsional que o tratamento pelo entendimento reduz mas não elimina.

É uma construção tecida com os fragmentos de lembrança obtidos no percurso que pode, como um nó, incluir essa parte não discreta permitindo a tradução daquilo que antes era impossível: não em forma de palavras, que sempre serão insuficientes para tanto, mas na de uma certeza de que naquele nó, ele, o paciente, está. É a transformação do valor lógico de algo externo ou interno para algo êxtimo; de ameaça de morte à certeza de que a vida está por ali, pulsando. A construção reconhece o recalque primário por estrutura, e, nesse reconhecimento, transforma o que era limite à análise em abertura para a vida. Com uma dose extra de boa vontade o famoso provérbio “com as pedras que me atiras construirei o meu castelo” pode ser lido, em um sentido contrário ao usual, como uma boa tradução para o *Wo Es war soll Ich werden* freudiano, já que o sujeito acabará “morando” dentro de um nó formado de pedras “atiradas” por aquele que antes era seu “inimigo”.

A psicanálise substitui a relação de oposição dos elementos envolvidos – sujeito e objeto, interpretação e construção, vida e morte, externo e interno, etc. – por um nó complexo de quatro relações – implicação recíproca e conjunção-disjunção – que mostra a insuficiência do modelo da esfera em dar conta da experiência de que se trata numa análise e, por conseguinte, da insuficiência das divisões estanques que fizemos desses termos – divisão que foi entretanto necessária para alcançarmos nosso objetivo. Dessa forma, a barra de resistência à significação que Lacan toma de Saussure, o recalcado como algo escondido atrás

de um muro, enfim, qualquer divisão estanque que seja feita entre termos da psicanálise e que o senso comum coloca como opostos deve ser experimentada como, em verdade, uma relação quaternária.

A relação quaternária não é de modo algum algo intuitivo. Tão logo conseguimos avançar um pouco sobre ela, a força do modelo da esfera faz com que ela nos escape. É preciso então voltar sobre ela, exercitá-la com insistência. Foi esse esforço mesmo que marcou o ensino de Lacan, o de resgatar as indicações na obra de Freud dos paradoxos espaciais e temporais e pô-los novamente diante dos analistas para que estes pudessem reconsiderar a sua decisão de fuga em relação a eles – como disse Freud em *Análise terminável e interminável*. Dizer que o “dentro” e o “fora” e que o “antes” e o “depois” mantêm entre si relações quaternárias é fincar o pé naquilo que de mais radical há no pensamento psicanalítico: como não sentir um nó na barriga quando dizemos que não há lembrança sem construção, que algo surge no exato momento em que dele temos a certeza de ter existido? E o que dizer sobre o efeito casa-de-botão: mal começo a entrar e já estou a sair?

Se esse é sempre um esforço contínuo, esperamos pelo menos ter isolado a questão e chamado a atenção sobre a diferença que há entre a relação de oposição e a relação quaternária.

Avançar sobre as construções mais tardias de Lacan constitui a sequência mais lógica para esse trabalho, no estudo das construções que permitiram equacionar esses paradoxos através de ferramentas mais afeitas à natureza do que se trata e, em especial, os desenvolvimentos sobre lalíngua e sobre os nós borromeanos.